

Dircurso de posse na Academia Cearense de Letras

Natércia Campos

Sr. Presidente da Academia Cearense de Letras, Artur Eduardo Benevides.

Sr. Secretário da Cultura e Desporto do Ceará, Nilton Melo Almeida, na pessoa de quem cumprimento os componentes da mesa, os presidentes de entidades, as autoridades, escritores, intelectuais presentes e meus ilustres colegas acadêmicos.

Minha mãe, Maria José Alcides Campos, em nome de quem cumprimento os amigos, as queridas colegas integrantes da Sociedade Amigas do Livro e familiares presentes.

Feliz estou com a presença de todos, dentre os quais destaco com carinho os que vieram de longe. Minha irmã Marisa, a pintora Badida, como eu a chamava quando criança. Minhas filhas Clarissa, Emmanuela e minha neta Mariana. A querida tia Nilda e minhas primas Maria Helena e Maria Carolina. Suzana Martoreli, Joaquina e Zélia Fernandes Vieira, amigas-irmãs.

Destaco também com alegria a presença de meu irmão Cid, minhas filhas Caterina e Carolina, meu filho Rodrigo, minha nora Sílvia, meus genros Oliveira Junior e Omar. Presentes estão meus netos Thiago José, Natércia Maria, Rafael José e Pedro.

Hoje, ao entrar nesta casa, voltei no tempo.

Década de 30! Aqui, neste patrimônio histórico, foi meu pai apresentado à minha mãe. Na sala grande da frente, funcionava a Secretaria dos Negócios do Interior e da Justiça do Ceará, onde minha mãe trabalhava. Meu pai fora nomeado para a mesma Secretaria. Ele costumava afirmar: "*O Destino é o mais fértil dos ficcionistas, aquele capaz de todas as tramas e enredos*".

O encontro dos dois, nesse ambiente de trabalho, os fez caminharem juntos mais de meio século! Sua história de amor teve início na época em que se flertava e os descobrimentos entre enamorados eram conquistas diárias, esperadas e sonhadas.

"O poder lírico do amor", assim nos diz o mestre Câmara Cascudo, fez meu pai revelar-se em poemas até hoje inéditos. Só a minha mãe pertencem. Ela sempre me contou sobre o encontro dos dois: *o salão da frente, minha filha, tinha portas abertas para a Igreja do Rosário, uma das mais antigas do Ceará e ao lado havia um jardim. Seu pai tinha paixão por livros e por cinema. No início do expediente, ele, em pé, recostava-se no bureau a me contar sobre os filmes, naquele jeito tão dele, elegante, o cigarro fazendo parte dos gestos sugestivos na mão longa e expressiva*". Quando nos casamos, ele me disse: *"Se um dia, querida, nós tivermos uma filha, ela se chamará Natércia"*.

Por isso, hoje meu desejo grande, ao transpor a porta desta casa, era transpor Tempo e Espaço.

Nesta casa me senti próxima ao meu pai, pois, na sala com seu nome, seus livros e fotografia, fui por ele recebida, com seu meio-sorriso acolhedor e boas-vindas.

Lembro-me de um amigo querido, o poeta baiano-árabe Jorge Medauar que me disse certa vez: *"- Moreira Campos, seu pai, passou a mão pelos seus cabelos e esta é uma forma mágica de transmissão"*.

Às vezes, quando me acerco do seu fusca verde, que hoje me pertence, por um brevíssimo instante acalenta-me a idéia de que nada mudou. Logo o avistarei vindo ao meu encontro com seu jeito tranquilo, feliz pela surpresa de me ver, envolto no cheiro do fumo de seu cigarro: *"sua maneira disfarçada de suspirar"* – no dizer do poeta Mário Quintana. Mas o momento esfuma-se... Estranho este véu de invisibilidade que envolve nossos entes queridos quando eles se vão. No entanto, persistimos em vê-los com o olhar da memória. E é nesses momentos de evocação que eles, os que partiram, mais se aproximam de nós e quase, quase conseguimos transpor a barreira desta dimensão tão oculta e tão presente.

No início deste século 21, meu filho mais velho, meu Zé, faria 40 anos. A magia do tempo o alcançou, e ele é hoje, dos seis filhos, o meu caçula com 27 anos. Esta foi a idade escolhida pelo destino, para que sua sombra, desde então, acompanhasse os momentos do meu viver.

Escreveu Cervantes:

"O louvor vale pela pessoa que o dá" e é assim que recebo os louvores feitos por meu amigo querido – Presidente desta Academia – o poeta Artur Eduardo Benevides.

Suas palavras, agora proferidas, me levam a sentir quão precioso e imprescindível é ter amigos. Na travessia do tempo a sua poesia foi um longo pastoreio de belas palavras, leves e encantadas. Foram elas o liame que nos aproximou e irmanou com grave paciência, desde as reuniões literárias e amigas, realizadas no pequeno jardim da casa de meus pais no Benfica.

Seguindo o ritual desta ilustre casa, recordarei o digno patrono da cadeira número seis, Antônio Pompeu de Sousa Brasil. Filho de Tomás Pompeu de Sousa Brasil, o Senador Pompeu, e de Felismina Carolina Filgueiras. Nasceu em Fortaleza, a 29 de março de 1851. Médico pela Faculdade do Rio de Janeiro. Preferiu, no entanto, levado por seus pendores para os assuntos industriais, dedicar-se inteiramente à montagem e direção de uma fábrica de tecidos, nesta Capital. Faleceu muito moço, aos 35 anos, em 26 de janeiro de 1886. Era pessoa de grande acabamento e de muita simplicidade de maneiras. Pai de Tomás Pompeu Sobrinho, titular, inicialmente, da Cadeira de nº 6, da qual era Patrono Fausto Barreto. Na reforma de 1930, escolheu como Patrono o próprio pai.

Não conheci Francisco Alves de Andrade e Castro, o titular que me precedeu na cadeira nº 6, mas ao debruçar-me sobre sua história de vida, seus livros escritos, sua sensibilidade poética, ficou-me a singular saudade de não ter usufruído do seu convívio. Creio que seríamos amigos por várias razões, dentre elas seu agudo humanismo.

Afirmava Francisco Alves de Andrade e Castro: *"Devo aos meus professores do Seminário meus conhecimentos sociológicos, filosóficos e humanismo cristão"*.

Nasceu ele em 21 de novembro de 1913, nos sertões de Mombaça, do Ceará, no Sítio Recreio, de chão duro e de solos vermelhos. Seus pais foram José Alves de Castro e Raimunda Paes de Castro. Seus primeiros estudos, o curso primário, fez em sua cidade juntamente com seu irmão, a quem tanto queria e admirava, Paes de Andrade. Saiu de sua terra para cursar o secundário no Seminário Diocesano de Fortaleza.

O interesse pela literatura ampliou-se nesses anos de estudos no velho Seminário da Prainha. Ainda seminarista, em hora dedicada à meditação, saiu em silêncio da sala e subiu à torre da Igreja do Seminário. Seu olhar pousou no Farol do Mucuripe e escreveu seu primeiro poema, aos 20 anos. Nosso poeta Artur Eduardo Benevides o incluiu na sua "Antologia dos Poetas Bissextos do Ceará".

No ano em que nasci, diplomou-se Francisco Alves de Andrade e Castro na Escola de Agronomia do Ceará. Foi ele o orador de sua turma, que teve como lema "Estudaremos o Nordeste". Fiel a esta legenda, lembra o nosso historiador Raimundo Girão, "ele realmente se dedicou aos estudos dos problemas nordestinos, dos quais, depois de Tomás Pompeu Sobrinho e José Guimarães Duque, se tornaria a grande autoridade". Cientista e humanista, formou-se também em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará. Afirmou-se nele a ampla visão humanista.

Herdou Francisco Alves de Andrade e Castro de seus avós, do clã dos Inhamuns, o amor à terra. Depois, a sua profunda vivência com os sofridos homens dos sertões, quando, demarcando terras, palmilhou estes chãos em contato com a problemática da vida regional, o fez tornar-se um dos cearenses que mais escreveu sobre o Nordeste.

Guiou-se esse homem de letras, cultura e humanismo telúrico pelo pensamento e pela ação, no anseio do desenvolvimento por amplos caminhos. Estes o levaram, com dedicação e justiça, a procurar amenizar a vida do homem do campo.

Em 1942, casou-se Francisco Alves de Andrade e Castro. Sua mulher, nossa querida Mundinha, sempre se destacou por seu espírito de solidariedade, força de liderança e amor a todos os seus familiares e amigos. No seu livro, lançado em novembro de 2001, no Ideal Clube, com o título "Antes que eu me esqueça", ela registra seu mundo, vivido com respeito e dedicação, junto ao marido e seus quatro filhos: Raimundo Régis – agrônomo professor universitário como foi seu pai, Teresa Cristina: a única filha do casal, formada em Letras e Pedagogia na Universidade Federal do Ceará. Pedro José e Paulo Alexandre, ambos médicos.

Francisco Alves de Andrade e Castro exerceu vários cargos e funções públicas, dentre os quais:

Diretor da Produção Animal da Secretaria de Viação e Obras Públicas do Ceará; Secretário da Agricultura do Ceará, em 1946; Delegado Federal do Ministério da Agricultura na década de 60; Chefe do Departamento de Zootecnia da Universidade Federal do Ceará; Representante do Governo do Ceará no CODENO e, depois, na SUDENE; Chefe da Zona do Departamento de Terras e Colonização da Secretaria de Agricultura do Ceará; Professor Catedrático de Zootecnia Especializada da Escola de Agronomia da Universidade Federal do Ceará.

Recebeu os títulos de Professor Emérito, da Universidade Federal do Ceará, e de Professor Honoris Causa, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró, Rio Grande do Norte.

Foram-lhe concedidas a Medalha do Mérito Agrônômico do Brasil, outorgada pela Federação das Associações de Engenheiros-Agrônomos do Brasil e a Medalha Justiniano de Serpa, do estado do Ceará.

Foi membro do Instituto do Ceará e da Sociedade Brasileira de Zootecnia. Suas principais obras publicadas são: *As Possibilidades de Desenvolvimento e Melhoria dos Recursos de Gado Bovino no Ceará* em 1942, *A Escola Rural e a Pecuária* (1946), *O Pioneiro do Folclore no Nordeste do Brasil* (1949), estudo sobre Juvenal Galeno; *Estudos de Zootecnia Regional* (1949), *Tomás Pompeu e se Tempo* (1954), *A Pecuária e o Crédito no Polígono das Secas* (1959), *Cerâmica Utilitária de Cascavel* (1959), *Agronomia e Desenvolvimento do Nordeste* (1960), *O Presbítero e os Sertões* (1976), *Ildefonso Albano e Outros Temas* (1985) e *Saga dos Sertões de Mombaça* (1987).

Seu livro *Agronomia e Humanismo*, uma das obras principais no campo da ciência, conquistou o Prêmio Clóvis Beviláqua, da Universidade Federal do Ceará. São muitos os estudos que fez estampar em periódicos, mas podemos destacar "Como nasceu a indústria da oiticica no Ceará", na revista *Nordeste Econômico e Financeiro* de 1948; a "Saudação a Guimarães Duque", na *Revista do Instituto do Ceará* de 1953, bem como o prefácio para a edição de 1965 das *Lendas e Canções Populares* de Juvenal Galeno. Organizou o livro *Renato Braga - In Memoriam* (1967).

São de Francisco Alves de Andrade e Castro os versos: "In Aeternum", feitos em homenagem ao seu mestre e amigo-irmão Renato Braga, que certo dia a ele confessou: "Chico Alves, quando eu morrer gostaria que plantassem uma árvore sobre a terra onde estarei".

In Aeternum

Quando eu morrer
e voltar ao seio da terra amiga,
não quero túmulo,
nem epitáfios em lousa fria...

Plantem uma árvore sobre meu jazigo!
E que as cinzas do meu tempo
sirvam a suas raízes de alimento!
E tudo o que era sangue,
correndo pelas veias,
batendo nas artérias,
reviva em seiva!

Que a poeira dos sonhos desfeitos,
na aderência das lágrimas e humo,
forme solo fecundo
à exaltação da vida.

E homem que fui,
árvore que serei
da matéria vencida,
hei de crescer para o alto!

E buscando sempre o sol,
Bebendo a intensa luz,
Estenderei meus ramos,
Sorrindo para o azul infinito!

E todo o antigo amor,
ressurgindo das entranhas
do velho coração já morto,
subirá pelo tronco à fronde,
onde desabrocharão flores
de onde penderão frutos...

Exalto, com respeito, sua memória. Reverencio o homem erudito, enfim, essa figura humana tão plena de amor por terra. Sua obra é referência fundamental a quem quiser conhecer as virtudes e lutas do homem nordestino. Foi um precioso tempo esse em que me debrucei sobre a obra de Francisco Alves de Andrade e Castro, sobretudo por seu sentido humanista, a envolver, em um vínculo sagrado, homem e sertão.

E assim, peregrina pelos caminhos da alma, pareço escutar o eco das vozes, sentir as mãos amigas e o amor dos que me protegeram, do ninho ao vôo! São tantos! Desde a casa dos meus pais ao sobrado da rua Potiguaras, nº 10, dos meus avós maternos. Na casa deles, as noites chegavam para que eu cedo adormecesse e as manhãs surgiam para que meu espreguiçar despertasse a minha alegria de viver. E isso acontecia tão simplesmente, fazendo-me crer que havia de ser essa a razão dos dias e das noites existirem. Era a casa dos meus avós o meu regaço.

E então, os livros chegaram como mensageiros vindos de outras paragens encantatórias, com a missão de ampliarem meus sonhos. Sinto nas mãos e ainda aspiro o cheiro da minha velha Crestomatia – “Última corrida de touros em Salvaterra” – de Rebelo da Silva. Meus livros tão manuseados! “Reinações de Narizinho – História do mundo para crianças”. Minha mãe sempre contou que chorei inconsolável quando me deu a notícia da morte de Monteiro Lobato. Tinha eu, nessa época, 9 anos. Absorvi a beleza imorredoura dos contos encantados de Andersen, dos irmãos Grimm, de Perrault.

Quanta saudade da minha coleção de quase cem pequenos exemplares da Edição Melhoramentos. Das fábulas de Esopo e de La Fontaine, com ilustrações em bico de pena. “Do Tesouro da Juventude” e seu papel fino a lembrar suavidade da seda! Todos eles e os que vieram depois foram companheiros inseparáveis.

Tive a ventura de ter uma biblioteca na casa de meus pais e toda a liberdade para ler o que desejasse. Tardes que marcaram essa época, vivi na casa de minha tia Nilda, onde protegida por aguda sensibilidade, lia e escutava música.

Os livros, com seus vários personagens e destinos, povoaram meu mundo de infindas sensações. Despertaram-me para a beleza, os mistérios, a peregrinação lunar, a mitologia engastada no esplendor das constelações, a grandeza ilimitada da natureza e a multiplicidade dos sentimentos.

Até hoje quando releio alguns dos meus livros, todos velhos e queridos amigos, volto no tempo. Esse regresso feito em silêncio me comove, pois cada vez que os visito são ainda melhores e mais nos entendemos. Todos são companhia sagrada. Soam como música dentro de minha alma. Já afirmava o genial Borges: "*Uma forma de felicidade é a leitura*".

Daí o motivo de alegria, quando ingressei na Sociedade Amigas do Livro, pelas mãos de uma mulher, especial e querida, Nadir Papi de Saboya. Nesta entidade, atualmente presidida por Cybelle Valente Pontes, tenho a oportunidade de participar de palestras e debates literários. Fazer parte desta sociedade muito me honra.

Mas o primeiro Grêmio Literário de que participei foi o do meu inesquecível Ginásio 7 de Setembro, cujo diretor era o dinâmico educador, Dr. Edílson Brasil Soárez, que nos alertava sobre a importância da leitura na formação do jovem. Dona Nila Gomes de Soárez, sua mulher, foi minha professora, amiga e conselheira. Hoje no Colégio 7 de Setembro, cujo diretor é meu grande amigo, colega de classe, Ednilo Soárez, estuda meu neto muito amado, Rafael José.

Os livros novamente abriram caminhos e esses me levaram a trabalhar na Secretaria de Cultura e Desporto do Ceará, no setor de editoração, em seguida fui incumbida da coordenação do *stand* do escritor cearense, desde a primeira Feira do Livro. Hoje faço parte do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, presidido pelo secretário de cultura, Nilton Almeida, meu amigo.

Foi, no entanto, muito depois que descobri o mundo mítico dos longínquos sertões-de-dentro, bem distante do meu sertão-de-fora, a Praia de Iracema, onde nasci.

Devo este meu deslumbramento ao meu tio e compadre querido, Hildebrando Espínola, jornalista, professor, sociólogo e bibliófilo.

Ele me pôs nas mãos o "Dicionário do Folclore Brasileiro", de Luís da Câmara Cascudo. Foi esse livro a minha bússola. Com ele segui como os antigos pastores da Mesopotâmia que se guiavam pelas estrelas e por elas sabiam dos caminhos da terra.

Meu amigo Diógenes da Cunha Lima – Presidente da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras – define com sensibilidade e maestria esse sábio mestre: "Em verdade, ninguém escreveu mais e melhor sobre o Brasil e sobre os brasileiros do que Câmara Cascudo. Os seus estudos etnográficos são imprescindíveis para a compreensão do que é nosso. Penso que ele e Gilberto Freyre são duas faces da mesma moeda. Eles estudaram e revelaram o Brasil. Gilberto com maior visão sociológica e Cascudo com visão antropológica, de cultura popular. Fazem a verdadeira interpretação social. Gilberto parte do regional para fixar o brasileiro no mundo (Casa Grande e Senzala). Cascudo parte do homem no Universo para fixar o brasileiro (Civilização e Cultura). As suas obras são paralelas, vezes convergentes e complementares uma da outra. Os dois descobriram o Brasil".

Meu primeiro livro, de nome "Iluminuras", foi a ele dedicado: "Para o Mestre Luís da Câmara Cascudo, minha magia, meu real".

Enveredei em torno dos sociólogos, historiadores, antropólogos mestres incontestes do folclore brasileiro. Palmilhei "Os Seretões", de Euclides da Cunha; os "Capítulos da História Colonial", de Capistrano de Abreu; "Os Cantadores e Violeiros do Norte", de Leonardo Mota; a "Paisagem das Secas", de Mauro Mota; e "Usos e Superstições Cearenses", de um dos maiores pesquisadores de nossa terra – Guilherme Studart. Fui em busca do genial sergipano, Sílvio Romero, com seus "Cantos e Contos Populares do Brasil"; pela "Pequena História do Ceará", do nosso Raimundo Girão; pelos "Peão", do épico Gerardo Melo Mourão; pelas "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda. Li "Guerreiros do Sol – o banditismo no Nordeste do Brasil" – livro sobre sociologia do cangaço, do gentil-homem, meu amigo, Frederico Pernambucano de Mello, cujo prefácio escrito por Gilberto Freyre o consagra. Emocionei-me com o "Romance d'A Pedra do Reino" e o "Auto da Compadecida", clássicos, do maior artista contemporâneo em

todas as artes – o heráldico Ariano Suassuna, amigo muito querido e a quem tanto admiro. Dele recebi recentemente um iluminogravura e um soneto.

Amigo de meu pai foi Gustavo Barroso. Dos dois tenho uma fotografia, em conversa evocadora de alpendre, deitados em redes, em uma tarde chuvosa. Diz o meu poeta querido, Francisco Carvalho: *"A chuva me restitui a infância perdida na correnteza dos dias"*. Acho que ambos naquela tarde tiveram uma restituição ímpar, um longo reencontro com os dias de sua meninice. Voltaram: às suas casas, lugares vividos, às árvores, aos viventes, sentindo o cheiro da terra molhada pela abençoada chuva.

Um dos livros de Gustavo Barroso que me fascinou por sua prosa-poética é o antológico *"Terra de Sol"*. Seu livro *"Ao Som da Viola"*, editado em 1921, foi a primeira antologia folclórica publicada no Brasil. Este pequeno texto escrito por Câmara Cascudo diz da dimensão do escritor Gustavo Barroso:

"Foi um mestre incontestável do folclore brasileiro, valorizando-o em fase que ninguém percebia interesse e valia, enriquecendo-o com livros de notável erudição. Um estilo ágil e claro, de discreta elegância vocabular, trazia uma força de comunicabilidade admirável. Sua bibliografia é essencial para o folclore".

Foi novamente meu tio Hildebrando Espínola que me emprestou *"A Caça nos Sertões do Seridó"*, de Oswaldo Lamartine de Faria. Ressaltou: *"Leia, Natércia. Você vai gostar. O homem é um dos grandes em etnografia"*. Obedeci. Segui seu rastro. Seu aboio. Suas abelhas. Seus açudes. Seus arreios e vaqueiros. Suas histórias marcadas por um estilo inconfundível – seu ferro e sinal – trazem de volta os dias de antanho do sertão-velho, com seus preceitos e a integração total do homem à natureza.

Sobre Oswaldo Lamartine de Faria diz a nossa Rachel de Queiroz: *"Acho que no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo"*. No seu romance *"Memorial de Maria Moura"*, agradece a ele na página das dedicatórias: *"A inestimável ajuda de Oswaldo Lamartine de Faria"*.

E assim os livros, esses mensageiros vindos em revoadas de vários pontos cardeais, conseguiram tornar alado meu mundo interior. Finquei minhas raízes nas tradições populares. Foram tantos livros em migração, que por vezes, ingratamente, esqueço o nome dos mestres escritores. Perdoem-me os não citados.

Minha jornada pelos sertões-de-dentro tem sido fascinante. Por onde enveredo se alumiam os desvãos da minha alma. Sigo por atalhos, platôs, rios, caatingas, pastagens, vilas, caminhos em cruz, em busca das ocultas nascentes, e nelas sacio minha sede.

Tenho sedução por cheiro mato, de terra, de gado, de café torrado em alguidar de barro – “café donzelo”, de assistir ao repiquete de um rio, aboios solos na hora do Ângelus, quando os sinos distantes da matriz tocam, nos campanários, as Trindades, e o sereno cai, trazendo seus malefícios. Percorro em silêncio uma casa de farinha, com sua boca de forno a lenha. Pareço, às vezes, escutar chocalhos e o canto de galos, a clarear manhãs de sol a coar-se pelas telhas. Vejo fiapos de névoa na risca das serras verdes, clarão de relâmpago, noite de lua e a fuga pelos da luminosa zelação, a estrela cadente, seguida do pedido: Deus te Guie. Ouço o baque de frutas espatifando-se no chão molhado, onde se vêem, nítidos, rastros de gente e bichos. Por vezes, escuto o canto da chuva em horas mortas, banhando uma velha casa de duas águas, equilibrada num cerro, cercada de alpendres escorados em colunas, onde o vento dia e noite entra solo a percorrer salas e quartos, trazendo as frias manhãs e a viração mormacenta das tardes, que penetram na noite e tanger o cheiro das velas bentas nos santuários. É quando, ao anoitecer, ao som das contas dos terços e ao embalo doce das redes a gemer nos armadores chegam as mansas conversas e sonhos.

Curioso é que este mundo não vivido acalento dentro de mim, como uma recordação antiga, eco de velhas histórias contadas à luz das lamparinas, sobre o sertão belo e trágico de distâncias infinitas.

Apoio-me na força poética de Nertan Macêdo: *“Longínquo país, a morada dos nordestinos. Longas, silenciosas, adormecidas terras de lápis-lazúli. Assim o encontraram, há trezentos anos os nossos avós”*.

Sinto o encadeamento, um tear a unir fios, o entrelaçar de mundos paralelos: os descobertos pela imaginação, instigada e povoada por leituras e os da minha memória ancestral vinda da minha bisavó e avó portuguesas, do distante Minho, casadas com homens andejos, descobridores dos caminhos do mar e desbravadores de

terras. Tais mulheres ficavam nas suas aldeias à mercê de Deus e da Virgem, das mezinhas, superstições e credices, que davam alento à sua força interior. Tão iguais à minha bisavó e avó nordestinas com seu legado de luta neste sertão, que elas superavam: trabalhando, fiando, cozinhando, plantando, a criar filhos e afilhados, cercados por um profundo misticismo de rezas e agouros. Estes dois mundos avoengos são como as estrelas extintas que continuam a enviar seu rastro de luz através do tempo.

No entanto, foi na terceira casa, onde mais tarde pousei a esperar meus seis filhos, que aconteceu o mais belo aprendizado. Com eles aprendi a beleza da partilha. As responsabilidades, ponderações, dúvidas, zelos e desvelos criaram alento. Abrandou-se em mim o egoísmo. Aprendi que mãe e filho possuem liberdade de trocarem títulos, conforme as situações vividas. Todos os seis com suas provisões de doçuras e durezas e suas profundas diferenças: Caterina, José Thomé, Clarissa, Rodrigo, Emmanuela e Carolina ampliaram a minha vida em infinitas vidas. Dizia Olavo Bilac: "Há numa vida humana cem mil vidas!..."

Certa vez li e guardei este pensamento do mestre Guimarães Rosa: *"A vida inventa. A gente principia as coisas no não saber porque, e desde aí perde o poder de continuação porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada."*

Lembro-me de que, no ano de 1987, escrevi minha primeira carta para o poeta Jorge Medauar. Pedia sua opinião de crítico literário sobre meus primeiros contos, todos ainda inéditos. Não me identifiquei. Sua resposta muito me incentivou. Ele escreveu: "Envie-me suas histórias. Quero publicá-las nos suplementos literários aqui de São Paulo. Seu estilo é nódoa braba de caju. Aí na sua terra, procure o mestre do conto Moreira Campos". Encantou-me a coincidência. Respondi a Medauar, revelando ser filha do mestre Moreira Campos e desde então, assim "temperada", de surpresas, sentimentos e cumplicidades, permanece até hoje a nossa correspondência. Um dia quem sabe resolveremos publicá-la.

Chego hoje a esta casa – a Academia Cearense de Letras –, a mais antiga de todas as academias culturais no país, emocionada e feliz. Sempre me causam admiração as pessoas que planejam seus passos, suas diretrizes e a vida permitiu que assim pudessem ser e acontecer. Comparo, alguém já fez isso, a um teatro: abre-se o pano,

vai ter início a peça. Alguns sabem e agem como se tivessem feito antes um longo ensaio geral, e outros não, a vida vai acontecendo com suas circunstâncias, arbitrariedades e mutações. Faço parte destes últimos.

Daí a vida, assim acontecendo sem maiores empenhos e planejamentos, traz com ela momentos como este, de felicidade.

Recebi um cartão de um amigo, o escritor João Soares Neto, que diz esta verdade: *"Natércia, engraçado. O vestibular da vida a aprova. E, de prova provada, você é acadêmica. Com alegria do João"*.

Hoje sei que a minha vida tão incrustada de aprendizados simples foi regida por minha boa estrela, a da sorte. Desde que nasci – na hora aberta do meio-dia – fui por ela aquinhoadada. É uma sensação leve, como o fremit das asas de uma borboleta... mas palpita dentro da minha alma este porvir. Valho-me do poeta Artur Eduardo Benevides: *"Percebo: nada fiz de extraordinário além de exercitar-me na esperança"*. Por isso minha emoção quando hoje à noite transpus a soleira desta Academia Cearense de Letras, cujas paredes ouviram sobre meus pais e seus sonhos. *"O rumor antigo conta"*, afirmava Camões.

Senhores acadêmicos, amigos queridos que me trouxeram a esta casa para mais próximos compartilharmos nossas vidas e amor ao livro. Agradeço a todos a unanimidade do bem-querer. Esta alegria tão minha se transforma em dupla alegria pela partilha.

Termino estas palavras com a poesia de um amigo ausente, mas tão presente em sua amizade, Sânzio de Azevedo:

"Há momentos na vida que compensam
a grande, imensa turba dos momentos
de angústia e de agonia.
São clareiras de luz na selva escura,
Frinchas abertas na aridez dos muros.
– Há momentos que valem toda a vida..."

E este é um deles, meu pai.

Obrigada.